
Da nostalgia. Estudo de semântica lexical*

Algirdas Julien Greimasⁱ

Tradução de Ivã Carlos Lopesⁱⁱ

Resumo: Lançando mão da ideia, sugerida nos escritos de Hjelmslev, de que entre os lexemas e os enunciados mais longos a diferença é antes de extensão do que de natureza, este artigo focaliza a definição de "nostalgia" nos dicionários usuais do idioma francês, descrevendo os estados e as transformações envolvidas no semantismo dessa paixão complexa, tal como se apresenta em meio às configurações passionais afins, dentro do domínio cultural em questão. Há, na nostalgia "à francesa", o definhamento gradativo de um sujeito que não pode deixar de recordar, por vezes um lugar, por vezes uma coisa, por vezes ambos – objetos de valor que perdeu no passado mas que seguem lhe atormentando a consciência presente. Marco da laboriosa conquista da dimensão tímica da narratividade e baliza reveladora dos vínculos entre o lexical, o narrativo e o discursivo, este breve estudo de Greimas ilustra, por meio de uma análise específica, alguns dos passos trilhados pela semiótica das paixões desde seus primeiros desenvolvimentos.

Palavras-chave: narratividade; nostalgia; paixão; saudade; semântica lexical.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.195682>. Este artigo de Greimas apareceu pela primeira vez, com o título "De la nostalgie : étude de sémantique lexicale", no *Bulletin* da série *Actes Sémiotiques* (n. 39, 1986, dossier "Les passions. Explorations sémiotiques", dirigido por Denis Bertrand). Foi republicado no ano de 1988 nos *Cahiers de linguistique hispanique médiévale* (volume 7), em uma edição especial de homenagem a Bernard Pottier. No livro de Greimas, *The Social Sciences: A Semiotic View* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990, p. 169-174), saiu uma versão em inglês realizada por Paul Perron e Frank H. Collins: "On Nostalgia: A Study in Lexical Semantics". Isabella Pezzini traduziu-o em italiano, inserindo-o no volume coletivo *Semiotica delle Passioni* (Esculapio, 1991). Mais tarde, Anne Hénault também incluiu o texto francês como capítulo da obra *Questions de sémiotique*, organizada por ela em 2002 para as Presses Universitaires de France. Por fim, graças ao professor Kęstutis Nastopka, o texto traduzido em lituano "Apie nostalgiją. Leksinės semantikos etiudai" foi dado a lume na revista *Kultūros barai* 3 (2007), p. 64–68. Encontra-se na internet uma versão em espanhol, "De la nostalgia. Estudio de semántica léxica", não datada, assinada pelo professor Eduardo Serrano Orejuela e disponível em um website pessoal. O tradutor agradece a Thomas F. Broden pela generosa ajuda no levantamento das múltiplas edições, bem como a Juan Alonso Aldama, redator-chefe do periódico *Actes Sémiotiques* (Limoges), pela gentil autorização para esta publicação em português.

ⁱ (1917-1992). Diretor de pesquisa na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris, França.

ⁱⁱ Docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. E-mail: lopesic@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0153-1949>.

Footfalls echo in the memory
Down the passage which we did not take
Towards the door we never opened
Into the rose-garden.

T. S. Eliot, *Burnt Norton*

1. Preliminares

Diz um ponto particular da teoria hjelmsleviana que as definições não são nada além de expansões das denominações, umas e outras podendo, por esse motivo, substituir-se mutuamente. A aplicação desse princípio nos permite conceber um bom uso dos dicionários e, de maneira ampla, do nível lexical das línguas naturais, tendo em vista investigações semânticas voltadas para uma melhor compreensão de seu funcionamento discursivo. Como as definições dos dicionários usuais nem sempre são construídas com rigor, há certas precauções a adotar: muitas vezes precisaremos completar esse enfoque metodológico pela introdução de elementos de análise sêmica, reformulando os segmentos definicionais dos dicionários em termos de estruturas actanciais e narrativas – em outras palavras, inserindo o estudo lexical num quadro epistemológico e metodológico mais largo.

2. As definições de “nostalgia”

A primeira definição de “nostalgia” fornecida pelo *Petit Robert* pode ser facilmente decomposta em três segmentos-enunciado:

```
// “Estado de definhamento e prostração //  
    // causado pela saudade obsessiva //  
        // (saudade) da terra natal //  
        // ou de um lugar onde se viveu por longo tempo” //.
```

A segunda definição, apesar de lexicalizar diferentemente seus componentes, permite reconhecer a mesma distribuição ternária:

```
// “... melancólica... //  
    // Saudade... //  
        // (saudade) de uma coisa extinta ou  
        // daquilo que não se chegou a experimentar //.
```

Não custa perceber que estamos lidando com:

1. um estado patêmico (definhamento, prostração, melancolia) que pressupõe
2. um outro estado patêmico (saúde, obsessiva ou não), ocasionado, este, por
3. uma disjunção com um objeto de valor (terra natal, coisa extinta, etc.).

Trata-se, portanto, de uma construção sintática em três patamares que, apesar da “causalidade” ostentada – interpretável, a nosso ver, como pressuposição lógica –, acaba se apresentando, ao mesmo tempo, como uma superposição hierárquica. Convém examiná-los um por um.

3. Estado de definhamento

Levando adiante o procedimento de substituição das denominações por suas definições, começaremos por assinalar, referindo-nos ao dicionário, que se trata do “estado de definhamento de uma pessoa”, o que nos lembra, oportunamente, que estamos diante de um enunciado de estado provido de um *sujeito patêmico*.

Se a definição de *definhamento* como “estado daquele que está definhando” não passa de uma remissão ao verbo, *definhar*, em contrapartida, explicita-se como “debilitar-se mediante um desgaste gradativo”. Além disso, a definição de *definhamento* vem consolidada por uma série de parassinônimos – “Debilitação, emagrecimento, anemia, esgotamento, prostração” – que tornamos a encontrar, de maneira quase idêntica, quando procuramos comprovar a parassinonímia de *prostração* ou até mesmo de *melancolia*. É interessante verificar que estes últimos lexemas contêm, ambos, uma primeira acepção, hoje caída em desuso, de estado patológico de natureza somática, denotando assim, de acordo com Descartes, uma *paixão do corpo*; somente mais tarde é que, por transposição “metafórica”, virão a designar uma *paixão da alma*, um patema *stricto sensu*.

Todos os parassinônimos elencados, por sua vez, comportam um traço comum, /diminuição/. Diminuir significa “tornar-se menor”, enquanto os antônimos de prostração – “atividade, ânimo, ardor, calor, força, vida, vivacidade” – nos informam do valor semântico que sofre tal diminuição: é um dos termos do par de universais semânticos /vida/ vs. /morte/. O “estado” que estamos tentando descrever é, conseqüentemente, a *passagem gradativa* de um estado a outro; no nível categorial, o *devoir*, caro a Bernard Pottier, só pode ser apreendido dessa maneira. Apenas ao passar para o nível discursivo mais superficial, ou seja, ao inserir-se no discurso, é que a articulação categórica formulada em “estados” vem a *aspectualizar-se*, aparecendo a partir de então como um *processo* que se pode exprimir como segue:

/vida/ → /duratividade/ → /distensividade/ → /morte/

... onde *vida* e *morte* representam os termos de uma categoria semântica e *duratividade* e *distensividade*, as notações aspectuais.

4. A saudade obsessiva

Essa diminuição gradativa das forças vitais, pelas quais se define, antes de tudo, a nostalgia, é causada pela “saudade obsessiva”. Examinemos agora o semantismo desse lexema, reservando para um pouco mais à frente o caráter “obsessivo” que o sobredetermina.

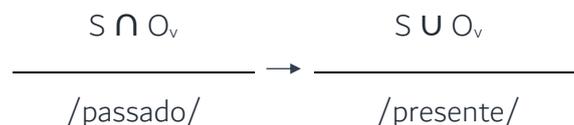
Na definição de “saudade” – “Estado de consciência doloroso causado pela perda de um bem” – distinguem-se duas instâncias, quando não dois estados:

/a/ Estado de consciência

/b/ Estado doloroso

4.1 Estado de consciência

Tal “estado de consciência”, que é “o imediato reconhecimento de sua própria atividade psíquica”, pertence à dimensão cognitiva, ou melhor, ao patamar metacognitivo (por se tratar de um saber que incide sobre sua própria cognição) da apreensão da significação. Assim, estamos diante de um sujeito metacognitivo a contemplar, desde sua posição mais alta, um “estado de coisas” cognitivo que se resume à apreensão da “perda de um bem”, isto é, da disjunção entre o sujeito e o objeto de valor com que este se achava anteriormente em conjunção. A estrutura da comparação entre os dois estados do sujeito – disjunto e conjunto –, efetuada pelo metassujeito, aparenta estar situada no eixo da temporalidade:



Devemos, no entanto, destemporalizá-la: o passado tem de ser presentificado sob a forma de um simulacro cognitivo para poder ser confrontado com o presente, caracterizado por uma ausência. O sujeito cognitivo da *falta*, esse estado bem conhecido desde Propp e aqui lexicalizado como *perda* (com seus

parassinônimos: infortúnio, privação, prejuízo, dano, etc.) fica então conotado na dimensão tímica pela disforia, “estado doloroso” do dicionário.

4.2 Estado doloroso

A dor (moral), definida como “sentimento ou emoção pesarosa resultante da insatisfação dos pendores, das necessidades”, que vem acompanhar a falta cognitivamente constatada, pode ser traduzida como uma /disforia/ aspectualizada à qual se acrescenta uma /intensidade/ cujo grau varia na proporção do valor do objeto perdido.

No caso da nostalgia, causada pela “saudade dolorosa, obsessiva”, a intensidade atinge um grau agudo: a saudade *obsessiva* é aquela que “atormenta de maneira incessante”, que “se impõe sem dar tréguas”.

O surgimento de verbos ativos como *atormentar* (que denota originalmente um fazer pragmático, “supliciar, torturar”, causador de “paixões do corpo”) e *impor-se* (designando um poder inelutável “que não se pode rejeitar”) revela uma reviravolta que acontece no conjunto patêmico descrito. Vemos o sujeito disfórico *de estado*, que acabávamos de identificar sob a roupagem lexical da *saudade*, converter-se, em razão de sua intensidade, num *sujeito de fazer* competente, porquanto dotado da modalidade do poder, mas não programado para resgatar o objeto de valor; ele realizará performances tímicas sob a forma de torturas, a um só tempo, durativas e iterativas, aplicadas ao sujeito de estado cujo definimento ele provoca e faz subsistir. Semelhante dispositivo, assim analisado, oferece-nos uma boa ilustração de um fenômeno ainda insuficientemente estudado de semiótica narrativa – a transformação do sujeito de estado em sujeito de fazer –, levando a uma indagação, já insinuada por Jacques Fontanille, sobre a possibilidade de pensar na existência autônoma de uma dimensão tímica da narratividade.

5. O simulacro convocado

Falta observar, um pouco mais de perto, o estatuto e a forma do “bem” cuja perda provocou essas perturbações patêmicas. No caso da nostalgia, lembremos que sua definição primeira a apresenta como “a saudade obsessiva

- da terra natal
- ou de um lugar onde se viveu por longo tempo”

... ou seja, objetos que, distantes no tempo e no espaço, são simultaneamente complexos e vagos: sua representação figurativa pode evocar paisagens familiares, pessoas amadas, momentos felizes vivenciados. A segunda

definição, muito mais geral, fala na saudade de “uma coisa extinta”, sublinhando o aspecto acabado da “coisa”, desvinculada do presente, ou ainda na saudade “daquilo que não se chegou a experimentar”: se bem compreendemos, trata-se de uma vivência imaginária que não se experimentou mas que se *gostaria* de ter experimentado. Quando se passa da primeira à segunda definição, a modulação de sentido é obtida, como se vê, pela suspensão do sema de espacialidade e pela manutenção exclusiva do distanciamento temporal que se trata de presentificar.

Um exame mais atento do conteúdo de *saudade*¹ permite entender melhor o estatuto do objeto-simulacro que está na origem da nostalgia. Definida como “o pesar, /estado moralmente doloroso/,

- por ter feito
- ou por não ter feito (alguma coisa) no passado”

... a saudade nos informa que o objeto de valor pranteado se situa, ou é interpretável, nos quadros de um *programa narrativo* que, uma vez presentificado e cotejado com o estado atual do sujeito, acarreta consequências incômodas. Já dissemos que a “saudade da terra natal” continha a evocação de uma série de simulacros narrativos de cunho figurativo, marcados pela conjunção com o sujeito. Nos casos em que o PN é considerado realizado (= o pesar por ter feito), o estado disfórico resultante da falta pode estar posto em um âmbito *ético*, lexicalizando-se, quer como *remorso* (= pesar “acompanhado de vergonha”), quer como *arrependimento* (que encerra um “desejo de expiação e reparação”). Mas ele pode vir desprovido desse tipo de conotações e chocar-se meramente contra um “estado de coisas” em que o sujeito do querer e do dever está na impossibilidade de reativar o programa de outrora.

Mais complicado é o caso dos PNs não realizados (= pesar por não ter feito). Se, aí também, é evidente que pode haver um pesar de cunho ético, outras configurações são possíveis, nas quais o PN inacabado, compreendendo motivações “subjetivas e afetivas” (cf. o devaneio), parece estar antes ligado a uma isotopia de ordem *estética*. Esse tipo de PN, presente na última definição de *nostalgia* mediante o sucinto apontamento do “desejo insatisfeito”, comporta uma conotação eufórica: possuidor de um projeto de vida e de um programa de ação esboçado, o sujeito do querer se acha em um estado de expectativa feliz. Por mais que venha a esbarrar no *não-poder* ou *não-saber* da conjunção com o objeto de valor desejado, o programa eufórico mantém, ainda assim, vestígios da felicidade vislumbrada e manifestará, na formulação de uma “saudade

¹ [N. do T.] Aqui a análise de Greimas transita entre diferentes acepções do fr. *regret*: (i) tristeza por haver perdido ou por não haver obtido um bem ou um lugar (mais próxima do pt. *saudade*); (ii) descontentamento por ter feito ou por ter deixado de fazer algo (mais próxima do pt. *lamento*). Remorso e arrependimento remetem à segunda acepção.

melancólica”, o termo complexo /euforia + disforia/ no qual se conjugam o desejo reavivado, a impossibilidade de realização e a dor do inacabamento.

Duas condições complementares são necessárias para que esse simulacro narrativo instaurador da nostalgia alcance a suficiente generalidade: a suspensão do laço temporal que o atrela ao passado e a dessemantização do objeto de valor, que, embora continue a ser um objeto sintático visado pelo sujeito, passa a poder receber todo e qualquer investimento axiológico. “A nostalgia é o desejo de um não-sei-quê”, dirá Saint-Exupéry. Mesmo sem chegar a ir tão longe, podemos afirmar que o sujeito do querer, em sua busca do “contentamento de estar triste” – é nesses termos que Victor Hugo define a melancolia –, dispõe de certa liberdade para a escolha dos valores com que alimentará seu imaginário.

6. Recapitulando

O dispositivo introduzido para produzir o complexo “estado de alma” passionnal que é a nostalgia pode, assim, ser representado como um encadeamento de estados e operações interligados, se considerarmos o estado resultante como superposição sincrônica e sincretismo de todas as transformações patêmicas que, através de uma série de pressuposições, terminam por instituir suas etapas gerativas prévias. A base dessa estrutura, o “estado de afinamento” – o qual não é um estado, e sim um processo durativo –, é o palco do assédio iterativo efetuado por um sujeito do fazer disfórico, surgido a partir da intensa disforia que vem conotar a operação cognitiva de comparação. Essa operação, cumprida pelo metassujeito, confronta a posição narrativa do sujeito apreendida em seu *hic et nunc* com o simulacro narrativo evocado, detentor de uma euforia primeira: o descompasso entre os dois programas narrativos é o desencadeador do processo acumulativo que levará ao desamparo do sujeito discursivo em dado momento de seu percurso.

Apoiada apenas em definições de dicionário lacunares e elípticas, uma descrição como esta não pode aspirar a ser um modelo exaustivo e confiável da nostalgia. Não obstante, ela esboça, em grandes linhas, a configuração global de um ator discursivo, sujeito que se pode considerar como um conjunto em cujo interior ocorrem eventos tímicos envolvendo sujeitos sintáticos diversamente modalizados, os quais dão origem a estados patêmicos determináveis. A partir de então, a semiótica pode tentar postular a existência de uma dimensão tímica da narratividade, autônoma e sintaticamente articulável, que lhe forneça os meios para a descrição dessas atividades peculiares constitutivas da “vida interior” do homem.

Uma investigação semântica baseada nos dados lexicais, todavia, será sempre incompleta, quando mais não seja, por não permitir estender a análise às dimensões do contexto discursivo para interrogar a situação *a quo* dessa especial

debreagem a projetar o sujeito num outro espaço que ele convoca e reembreia, duplicando dessa forma seu percurso passional com uma isotopia imaginária. Embora alguns exemplos bem conhecidos dessa convocação – a *madeleine* de Proust, os guizos de Buñuel em *Belle de jour* – acorram quase que automaticamente à lembrança, seu mecanismo de funcionamento, que mobiliza várias ordens sensoriais, ainda permanece, como se pode presumir, um tanto obscuro.

7. Para concluir, como lexicólogo

Este breve estudo é também uma pesquisa de método. Visto que o nível lexicográfico da linguagem se apresenta como uma condensação sempre subjacente aos enunciados discursivos expandidos, a exploração dos dados lexicais soa desde logo proveitosa. As imperfeições das definições trazidas pelos dicionários usuais introduzem certas oscilações que, por ora, somente os modelos narrativos da semiótica parecem capazes de retificar. Assim, se a descrição efetuada já abre caminho para o entendimento da “nostalgia à francesa”, por outro lado ela talvez ainda não nos autorize a estabelecer as generalizações que desejaríamos. ●

Referências

- BELLE DE JOUR. Direção: Luis BUÑUEL. Produção: Paris Film Production, Five Film. França: Valoria Films, 1967 (101 min.).
- FONTANILLE, Jacques. Le désespoir ou les malheurs du cœur et le salut de l'esprit. *Actes Sémiotiques – Documents*, n. 16, 1980.
- FONTANILLE, Jacques. Pour une topique narrative anthropomorphe. *Actes Sémiotiques – Documents*, n. 57, 1984.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolégomènes à une théorie du langage*. Nouvelle édition traduite du danois par Una CANGER avec la collaboration d'Annick WEWER. Paris : Minuit, 1971.
- HUGO, Victor. *Les travailleurs de la mer*. Bruxelles : Albert Lacroix, 1866.
- POTTIER, Bernard. Un mal-aimé de la sémiotique : le devenir. In: PARRET, Herman; RUPRECHT, Hans George (dir.). *Exigences et perspectives de la sémiotique. Recueil d'hommages pour A. J. Greimas*. Tome I. Amsterdam: Benjamins, 1985, p. 499-503.
- PROPP, Vladimir. *Morphologie du conte*. Traductions de Marguerite Derrida, Tzvetan Todorov et Claude Kahn. Paris : Seuil, 1970, collection Points.
- PROUST, Marcel. Du côté de chez Swann. In: *À la recherche du temps perdu*. Paris : Grasset/Gallimard, 1913-1927.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Terre des hommes*. Paris : Gallimard, 1939.

📄 On Nostalgia. A Study in Lexical Semantics

GREIMAS, Algirdas Julien

📄 LOPES, Ivã Carlos (translated by)

Abstract: Making use of the idea, suggested in the writings of Hjelmslev, that between lexemes and longer statements the difference is rather one of length than of nature, this article focuses on the definition of "nostalgia" in the usual dictionaries of the French language, describing the states and transformations involved in the semantics of this complex passion, as it features in the midst of related emotional configurations within the cultural domain in question. There is, in nostalgia "à la française," the gradual wasting away of a subject who cannot help but remember, sometimes a place, sometimes a thing, sometimes both - objects of value that he lost in the past but which continue to torment his present state of awareness. A landmark of the laborious conquest of the thymic dimension of narrativity and a beacon revealing the links between the lexical, the narrative and the discursive, this brief study by Greimas illustrates, through a specific analysis, some of the steps taken by the Semiotics of passions since its first developments.

Keywords: narrativity; nostalgia; passion; longing; Lexical Semantics.

Como citar este artigo

GREIMAS, Algirdas Julien. Da nostalgia. Estudo de semântica lexical. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18, n. 1. São Paulo, abril de 2022. p. 1-8. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

GREIMAS, Algirdas Julien. Da nostalgia. Estudo de semântica lexical. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18.1. São Paulo, April 2022. p. 1-8. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 30/01/2022.

Data de aprovação do artigo: 23/02/2022.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.
This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

